

## A SAÚDE CULTURAL: UMA CONSIDERAÇÃO REFERENCIAL DO PROJETO MÚSICOS DO ELO *CULTURAL HEALTH: A REFERENCIAL CONSIDERATION OF THE ELO MUSICIANS PROJECT*

Victor Flusser<sup>1</sup>, Luiz Fernando Santoro<sup>2</sup>, Fernando Antonio de Almeida<sup>3</sup>

A arte e a cultura são um terreno de re-conhecimento mútuo, espaço do encontro consigo mesmo e com os outros. A arte e a cultura nos transcendem e nos inscrevem em um mundo profundamente e especificamente humano.

Além da saúde física, mental e social, consideradas pela Organização Mundial da Saúde<sup>1</sup> como as condições necessárias para uma boa qualidade de vida, propomos aqui algumas premissas para acrescentar a noção da saúde cultural.<sup>2</sup> Somente nossa saúde cultural nos permite atingir a nossa humanidade plena. “*A cultura não me parecia capaz de oferecer aos homens os ‘meios’ de se fazer homens, mas considerava como capaz de ajudá-los a se desejarem homens a ponto de estimulá-los a se darem os meios de virem a sê-lo*”.<sup>3</sup>

A saúde cultural é construída através do mundo da cultura e da arte, é vivenciada por experiências estéticas e éticas.

A **experiência estética** é constituída pelos conhecimentos e as vivências de todos os estilos e épocas da música, da literatura, do teatro, das artes plásticas, da dança, do cinema. Pela nossa experiência estética, nós elaboramos os conceitos, os nomes, as emoções para nomear o que nós vivemos, imaginamos, pensamos, desejamos e sentimos. Só o que nomeamos, ganha existência no nosso campo conceitual. Pensemos, por exemplo, nos vários nomes de tipos de neve que os esquimós nomeiam: neve colante, neve gelada na sua crosta, neve seca e no único termo “neve” para nós brasileiros (“neve” ou “não neve”). Por outro lado, pense nos nomes dos vários grupos que compõem uma escola de samba (abre alas, porta estandarte, ala das baianas, carros alegóricos, bateria...), que para um tirolês não existem conceitualmente. As experiências culturais só existem se contextualizadas.

A saúde cultural se mede pela capacidade de articular nossa presença no mundo, de afirmar o mundo; se mede pela possibilidade de nós nos formularmos e de formularmos o mundo.

A saúde cultural se mede pela possibilidade de “ter a palavra” que, segundo Paulo Freire é: “*Ter a capacidade de nomear-se e nomear o mundo... ter a palavra, em um sentido verdadeiro, é o direito de se expressar e expressar o mundo, de criar e recriar; de decidir; de escolher*”.<sup>4</sup> A saúde cultural é questão de linguagem.

Pensemos nos pacientes de outras regiões (por exemplo do serrado nordestino, dos pampas sulistas ou da mata amazônica), que são atendidos em nossos serviços hospitalares.

Pensemos nos laços que essas pessoas têm com as expressões linguísticas regionais ou culturais, expressões da emoção ancorada no laço afetivo com o mundo. Pensemos nas ressonâncias íntimas intraduzíveis que têm para eles certas palavras e expressões. Palavras que eles não podem partilhar, da mesma forma que eles não podem se reconhecer em certas palavras ouvidas, ditas pelos cuidadores nos serviços. Isso nos leva à **dimensão ética** da saúde cultural que é constituída pelas normas, regras e valores (projetos ou ideologias), que organizam e norteiam o nosso “estar no mundo” coletivo.

Nosso sentido de humanidade e a nossa capacidade de nos reconhecer no outro não podem existir sem **referências éticas**, sobretudo se essa abertura ao outro é submetida ao rude desafio, como, por exemplo, de doenças crônicas, de idade avançada e de situações de perda de autonomia, comumente presente nos hospitais.

Os laços com o outro, o reconhecimento da alteridade, a solidariedade, a ternura, o cuidado e o respeito testemunham uma saúde cultural.

A **vivência estética** constrói, assim, o reconhecimento e a articulação de si mesmo, a **vivência ética** constrói a articulação e o reconhecimento da alteridade.

Em outros termos, a vivência da cultura encarada como conjunto de manifestações artísticas, científicas e técnicas nos abre a nós mesmos, nos ajuda a viver conosco mesmos (nos compreender e nos significar). A vivência da cultura, encarada como um conjunto de valores, nos abre para os outros, nos ajuda a viver juntos.

A mobilização do elo, da comunicação consigo mesmo e com o outro é uma das principais finalidades da intervenção musical nas instituições da saúde. A saúde cultural é, portanto, o centro nevrálgico da nossa ação e de nosso compromisso com a intervenção musical dos Músicos do Elo<sup>1</sup>. Para saber mais sobre o trabalho dos Músicos do Elo e assistir aos documentários em diferentes áreas de atuação em instituições de saúde utilize o link: <http://www.musicos-do-elo.org/>.

**Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 16, n. 2, p. 103-104, 2014**

1. Pesquisador, professor visitante (convitado) do Projeto de Pesquisa FAPESP 2012/20784-3

2. Professor Doutor do Depto. de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicações e Arte - USP

3. Professor titular do Depto. de Medicina - FCMS/PUC-SP

Recebido em 29/4/2014. Aceito para publicação em 6/5/2014.

Contato: vicflusser@gmail.com



<sup>1</sup>Os Músicos do Elo são profissionais da cultura trabalhando no ambiente hospitalar em parceria com os profissionais da saúde em projetos de humanização hospitalar.

Obs.: figura em cores disponível na versão *on line* desta revista (<http://revistas.pucsp.br/rfems>).

## REFERÊNCIAS

1. Constitution of the World Health Organization. Geneve: WHO; 2006. Disponível em: [http://www.who.int/governance/eb/who\\_constitution\\_en.pdf](http://www.who.int/governance/eb/who_constitution_en.pdf).
2. Flusser V. Músicos do Elo. Músicos atuantes humanizando hospitais. São Paulo: Annablume; 2013. p. 78-9.
3. Jeanson F. L'action culturelle dans le cité. Paris: Seuil; 1973.
4. Freire P. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1981.